



Manuel Bairrão Oleiro

Zelar pela preservação e valorização do património nacional é a principal missão do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC). A forte aposta em programas que dinamizam estes locais históricos a par de um olhar atento aos jardins que deles fazem parte, são apenas algumas das iniciativas desenvolvidas para continuar a cativar o público. Em entrevista, Manuel Bairrão Oleiro, director do IMC, dá a conhecer os actuais desafios dos espaços museológicos.

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual a missão do Instituto dos Museus e da Conservação?

MANUEL BAIRRÃO OLEIRO: Criado em 2007, o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) é um Organismo do Ministério da Cultura que passou a integrar os anteriores Instituto Português dos Museus e Instituto Português de Conservação e Restauro, bem como a Rede Portuguesa de Museus. Tendo actualmente sob a sua tutela vinte e oito museus de arte, arqueologia e etnologia e cinco palácios nacionais, posso dizer que a missão do IMC está assente em três grandes pilares: garantir o bom funcionamento dos museus e palácios que estão sob a sua tutela; assegurar a conservação e o restauro do património cultural móvel, mesmo das instituições que não estão sob a sua responsabilidade; e gerir o universo do património cultural imaterial – uma área que não dispunha de um enquadramento institucional no âmbito do Estado português, mas que a criação deste Instituto permitiu que se dessem os primeiros passos nesse sentido. De referir ainda que através da Rede Portuguesa de Museus temos vindo a trabalhar também com museus que não estão dependentes da sua estrutura orgânica, no sentido de os valorizar e requalificar.

H.C.G.M.: Quais são, actualmente, os maiores desafios para continuar a cativar o interesse do público pelo património histórico e cultural?

M.B.O.: Os museus foram criados para receber o público. São casas abertas à comunidade, que merecem ser vividas, e que contribuem para o desenvolvimento cultural, social e educacional da população. No fundo, ajudam as pessoas a contactarem de uma forma física mais interactiva com a história do seu país. Neste contexto, o maior desafio do IMC é exactamente dotar os espaços museológicos de condições que permitam tornar-se lugares de lazer mais atractivos e dinâmicos, proporcionando aos visitantes momentos de qualidade com condições de conforto e de informação adequadas.

E é com imensa satisfação que reconheço que nos últimos anos temos vindo a assistir a uma afluência de novos públicos no conjunto de museus e palácios que dependem do IMC.

H.C.G.M.: Neste âmbito, que apostas têm vindo a ser feitas no sentido de transformar os museus em locais mais apelativos?

M.B.O.: Apresentar uma programação variada e constante que permita atrair cada vez mais público faz toda a diferença. O que se traduz, por exemplo, num vasto leque de iniciativas como exposições temporárias e actividades educativas e de animação cultural. A isto acresce um trabalho muito direccionado aos públicos escolares, para que, desde o ensino primário, as crianças e os jovens criem hábitos de frequentar os museus e os vejam como espaços onde podem sempre aprender coisas novas. Estou certo de que assim os jovens passarão a ver os museus de uma outra forma, mais divertida, e que serão visitá-los mais vezes.

E nosso desejo continuar a fazer mais e melhor, contudo, as dificuldades de ordem orçamental continuam a ser a barreira mais difícil de ultrapassar, impedindo-nos de dar vida a muitos dos projectos que gostaríamos de concretizar.

H.C.G.M.: A riqueza cultural de vários museus e palácios é complementada pelos jardins históricos que tão bem os caracterizam. Que importância assumem, então, os espaços verdes para uma melhor fruição destes locais como um todo?

M.B.O.: Têm, de facto, um papel determinante na medida em que são um complemento indissociável da magia de outros tempos que se vive no interior do nosso património arquitectónico. A conservação da autenticidade de um jardim histórico é algo que está totalmente dependente da manutenção de que é alvo. E exige saberes particulares no sentido em que, dadas as suas características muito próprias, a sua manutenção se assume como uma autêntica arte. É um trabalho de restauro especializado que, infelizmente, vai desaparecendo se não houver mais apoios do Estado. É extremamente importante olhar para a riqueza do nosso património com outros olhos e zelar pela valorização da nossa história.

Mas mesmo perante as dificuldades com que nos deparamos diariamente, temos vindo a fazer um esforço em requalificar os jardins dos nossos museus e palácios. Um bom exemplo desta aposta é o recente plano de recuperação dos jardins do Palácio Nacional de Queluz. Um vasto plano de intervenções veio valorizar bastante o local no seu conjunto e os jardins, que anteriormente apresentavam uma aparência degradada, revelam-se agora uma porta aberta e mais convidativa para visitar também o palácio. Foi um trabalho excepcional. Os espaços verdes são, sem dúvida, uma forma de atrair as pessoas aos palácios e museus. E como verdadeiras obras de arte, merecem ser preservadas e protegidas.

H.C.G.M.: Embora o grande objectivo seja manter as características históricas dos jardins, que abertura existe para a introdução de novas 'técnicas' que promovam uma manutenção mais sustentável?

M.B.O.: É uma preocupação que está sempre presente. Tentamos modernizar os recursos de manutenção de forma a diminuir os custos e a implementação do sistema de rega gota-a-gota nos jardins de Queluz foi, a título de exemplo, uma excelente solução. É uma mais-valia para os jardins pois permite que mantenham o seu conceito original e ao mesmo tempo contribui para uma manutenção mais sustentável. Não queremos adular a carga histórica dos jardins e o resultado tem de continuar harmonioso.

H.C.G.M.: O Horto do Campo Grande é o responsável pelo serviço de manutenção nos jardins de alguns dos museus e palácios que estão sob a tutela do IMC. Qual tem sido o seu maior contributo na preservação destes espaços?

M.B.O.: É imprescindível que o trabalho de manutenção na preservação destes espaços seja assegurado por profissionais especializados. O contributo do Horto do Campo Grande nesta vertente tem sido fundamental. É uma empresa competente que dispõe de profissionais com competências específicas e das melhores técnicas de trabalho para executar as intervenções com um total respeito pela componente história destes jardins.